

Por ocasião dos domingos do Mês Missionário de outubro de 2026, temos a alegria de partilhar convosco algumas das meditações preparadas para todo o mês, no âmbito de uma colaboração entre as Direções Nacionais das Pontifícias Obras Missionárias da Itália, da Índia e dos Estados Unidos, juntamente com o Secretariado Internacional da PUM.

Os comentários sobre as leituras bíblicas do Mês Missionário foram enviados por e-mail a todos os Diretores Nacionais das POM, que poderão utilizá-los nas diversas atividades de animação missionária.

Queremos renovar a nossa gratidão às Direções Nacionais que colaboraram na preparação destes textos e, de modo particular, aos seus autores: o Rev. Pe. Alessandro Sacchi (Itália), o Rev. Prof. Yesu Karunanidhi (Índia); e Mons. Roger Landry (Estados Unidos).

A PUM acrescentou algumas citações úteis para aprofundar a reflexão.

Domingo, 18 de outubro de 2026

100º Domingo Mundial das Missões

XXIX Domingo do Tempo Comum

Is 45,1.4-6 ; Sl 95; 1Ts 1,1-5b; Mt 22,15-21

Neste Domingo Mundial das Missões, enquanto rezamos pelos missionários de todo o mundo e por todos aqueles a quem se esforçam por levar Jesus e a sua obra salvadora, temos no Evangelho uma afirmação que vai ao coração da vida cristã: que Deus nos criou por amor à sua imagem e semelhança, que somos seus, e que nos chama à vida com ele.

Estas verdades são reveladas na acalorada conversa de Jesus com os fariseus e os herodianos.

Estes dois grupos — rigoristas e laxistas, respetivamente, e, portanto, geralmente opostos entre si — conspiram juntos para armar uma cilada a Jesus. A sua pergunta parece simples, mas é malevolamente calculada: “É lícito ou não é, pagar imposto a César?”

Se Jesus dissesse que sim, sabiam, arriscava-se a alienar o povo. Se dissesse que não, poderia ser acusado de incitar à rebelião contra Roma. Mas Jesus não se deixou apanhar na armadilha. Em vez disso, pediu uma moeda e colocou uma pergunta mais profunda: “De quem é a figura e inscrição nesta moeda?” Quando responderam “É de César,” ele disse: “Pois dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus!”

A resposta de Jesus é mais do que uma brilhante saída de um dilema político. Ele estava a conduzir-nos para além de uma questão sobre impostos, até à verdade da nossa identidade. Se a moeda tem a imagem do César e pertence ao César, então o que tem a imagem de Deus pertence a Deus.

Como atesta o primeiro capítulo da Bíblia, fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Pelo batismo, essa realidade criada foi intensificada: fomos unidos a Cristo, tornados filhos do Pai e templos do Espírito Santo. Não pertencemos a Deus parcialmente. Pertencemos-lhe inteiramente. Ele reclama-nos amorosamente como seus.

Este é o fundamento da nossa vida cristã e da nossa missão cristã.

A missão não começa pelo que dizemos ou fazemos, mas pelo que somos. Quando reconhecemos que a nossa vida é um dom de Deus e que em última análise lhe pertence, tudo muda. O nosso tempo, as nossas relações, o nosso trabalho, os nossos recursos — tudo se torna parte de uma oferta de nós próprios a Ele com gratidão e amor.

O Papa Leão XIV, na sua mensagem para o *Dia Mundial das Missões de 2026*, escreveu que “quanto mais estivermos unidos em Cristo, mais poderemos realizar juntos a missão que Ele nos confia.”

Dessa união com Deus, e nele uns com os outros, brota toda a fecundidade missionária.

É por isso que o Evangelho nos desafia hoje.

Muitos de nós tentamos viver vidas divididas. Compartimentamos. Talvez demos algo a Deus, ou até muito a Deus, mas guardamos coisas para nós próprios. Jesus, no entanto, chama-nos a um dom total, a amar a Deus não apenas com parte, ou mesmo com a maior parte da nossa mente, coração, alma e forças, mas com tudo.

“Dar a Deus o que é de Deus” significa dar-lhe o que ele nos deu — e ele deu-nos a nossa vida, o nosso tempo, os nossos talentos, as nossas relações, os nossos recursos materiais, tudo o que somos e temos. Significa tratá-lo não apenas como parte da nossa vida, mas como a sua fonte, cume, raiz e centro.

Significa igualmente viver à imagem da Trindade, numa comunhão amorosa de pessoas com os nossos irmãos e irmãs. Este é o coração da missão, enquanto nós e toda a Igreja procuramos proclamar ao mundo à imagem de quem foram feitos e procuramos levá-los a ter uma verdadeira comunhão com Deus e connosco.

Neste *Domingo Mundial das Missões* lembramos que Deus está interessado em 100 de cada 100, em 8,1 mil milhões de 8,1 mil milhões. Como escreveu São Paulo VI para esta celebração em 1971, “Se alguma vez houve um momento em que os cristãos, mais do que nunca no passado, são chamados a ser uma luz que ilumina o mundo, uma cidade situada numa montanha, um sal que dá sabor à vida dos homens, este, sem dúvida, é o nosso tempo. Nós, de facto, temos o antídoto ao pessimismo, aos presságios sombrios, ao desânimo e ao medo, de que o nosso tempo sofre. Temos a Boa Nova!”

Hoje, pois, o Senhor convida-nos a olhar de novo para as nossas vidas, não como algo que possuímos ou é nosso, mas como algo que recebemos como um dom e do qual somos administradores. Pede-nos que lhe devolvamos esse dom, livre e plenamente, especialmente através da forma como usamos o dom da vida para ajudar a levar outros a Ele.

A forma como mais refletimos a imagem divina é imitando as missões do Filho e do Espírito Santo e cooperando com o plano de amor salvífico de Deus Pai, para que nenhum dos seus filhos se perca, mas chegue à vida eterna.

Citações úteis:

PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça de São Pedro, Domingo, 18 de Outubro de 2020

O Evangelho deste Domingo (cf. *Mt* 22,15-21) mostra-nos Jesus a lutar contra a hipocrisia dos seus adversários. Fazem-lhe muitos elogios - no início, muitos elogios - mas depois dirigem-lhe uma pergunta insidiosa para o colocar em apuros e o desacreditar perante o povo. Perguntam-lhe: «É lícito, ou não, pagar o tributo a César?» (v. 17), ou seja, pagar os impostos a César. Naquele tempo, na Palestina, o domínio do império romano era mal tolerado - e é evidente que eram invasores – também por motivos religiosos. Para a população, o culto do imperador, frisado também pela sua imagem nas moedas, era um insulto ao Deus de Israel. Os interlocutores de Jesus estão convencidos de que não há alternativa ao seu interrogatório: ou um “sim” ou um “não”. Estavam à espera, precisamente porque com esta pergunta esperavam pôr Jesus em dificuldade e fazê-lo cair na armadilha. Mas Ele conhece a maldade deles e liberta-se da cilada. Pede-lhes que lhe mostrem a moeda, a moeda dos impostos, a moeda do tributo, pega nela e pergunta de quem é a imagem gravada. Eles respondem que é de César, ou seja, do imperador. Então Jesus responde: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (v. 21).

Com esta resposta, Jesus coloca-se acima da controvérsia. Jesus, sempre acima. Por um lado, reconhece que o tributo a César deve ser pago - também por todos nós, os impostos devem ser pagos - porque a imagem na moeda é a sua; mas acima de tudo, lembra que cada pessoa traz dentro de si outra imagem - nós trazemo-la nos nossos corações, nas nossas almas -: a de Deus, e portanto é a Ele, e só a Ele, que cada pessoa deve a sua existência, a sua vida.

Neste julgamento de Jesus encontramos não só o critério da distinção entre as esferas política e religiosa, mas também diretrizes claras para a missão dos crentes de todos os tempos, até para nós hoje. Pagar impostos é um dever dos cidadãos, assim como observar as justas leis do Estado. Ao mesmo tempo, é necessário afirmar a primazia de Deus na vida humana e na história, respeitando o direito de Deus ao que Lhe pertence. [...]

BENTO XVI, Santa Missa para a Nova Evangelização, *Homilia*, Basílica Vaticana, Domingo, 16 de Outubro de 2011

[...] A segunda Leitura é o início da Primeira Carta aos Tessalonicenses, e já isto é muito sugestivo, porque se trata da carta mais antiga que chegou até nós do maior evangelizador de todos os tempos, o apóstolo Paulo. Ele diz-nos, antes de tudo, que não se evangeliza de maneira isolada: com efeito, também ele tinha como colaboradores Silvano e Timóteo (cf. *1 Ts* 1, 1), além de muitos outros. E imediatamente acrescenta outro elemento muito importante: que o anúncio deve ser precedido, acompanhado e seguido pela oração. Com efeito, escreve: «Damos graças a Deus por todos vós, lembrando-nos sem cessar de vós nas nossas orações» (v. 2). Depois, o apóstolo diz que está bem consciente de que os membros da comunidade não foram escolhidos por ele, mas por Deus: «fostes escolhidos por Ele» — afirma (cf. v. 4). Cada missionário do Evangelho deve ter sempre presente esta verdade: é o Senhor que sensibiliza os corações com a sua Palavra e com o seu Espírito, chamando as pessoas à fé e à comunhão na Igreja. [...]

Meditemos agora sobre o trecho do Evangelho. Trata-se do texto sobre a legitimidade do tributo a pagar a César, que contém a célebre resposta de Jesus: «Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus» (*Mt* 22, 21). Mas antes de chegar a este ponto há uma passagem que se pode referir a quantos têm a missão de evangelizar. Com efeito, os interlocutores de Jesus — discípulos dos fariseus e herodianos — dirigem-se a Ele com uma apreciação, dizendo: «Sabemos que és sincero e que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade, sem te preocupares com ninguém» (v. 16). É precisamente esta afirmação, embora suscitada pela hipocrisia, que deve chamar a nossa atenção. Os discípulos dos fariseus e os herodianos não acreditam naquilo que dizem. Afirmam-no como uma *captatio benevolentiae*, para se fazerem ouvir, mas o seu coração está muito distante daquela verdade; aliás, eles querem fazer cair Jesus numa armadilha, para O poder acusar. Para nós, ao contrário, aquela expressão é preciosa e verdadeira: com efeito, Jesus é sincero e ensina o caminho de Deus segundo a verdade, sem se preocupar com ninguém. Ele mesmo é aquele «caminho de Deus», que nós somos chamados a percorrer. Aqui podemos evocar as palavras do próprio Jesus, no Evangelho de João: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (14, 6). A este propósito, é iluminador o comentário de santo Agostinho: «Era necessário que Jesus dissesse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” porque, uma vez que se conhecia o caminho, ainda era preciso conhecer a meta. O caminho conduzia para a verdade, levava para a vida... E nós, para onde vamos, senão para Ele, e por que via caminhamos, senão através dele?» (*In Ioh* 69, 2). Os novos evangelizadores são os primeiros que são chamados a percorrer este Caminho, que é Cristo, para fazer conhecer aos outros a beleza do Evangelho que dá a vida. [...]

Uma breve reflexão também sobre a questão central do tributo a César. [...] Um autor anónimo escreve: «A imagem de Deus não está gravada no ouro, mas no género humano. A moeda de César é ouro, a de Deus é a humanidade... Portanto, concede a tua riqueza material a César, mas conserva para Deus a inocência singular da tua consciência, onde Deus é contemplado... Com efeito, César pediu que a sua imagem fosse gravada em cada moeda, mas Deus escolheu o homem, que Ele mesmo criou, para reflectir a sua glória» (Anónimo, *Obra incompleta sobre Mateus*, Homilia 42). E santo Agostinho recorreu várias vezes a esta referência nas suas homilias: «Se César reclama a própria imagem impressa na moeda — afirma — não exigirá Deus do homem a imagem divina esculpida nele?» (*En. in Ps.*, Salmo 94, 2). [...]